

Redes pessoais e resiliência em comunidades carcerárias de mulheres (Mendoza- Argentina).

Alejandro Paredes¹; Flavia S. Arrigoni²; Mariela Muñoz Rodríguez³

¹CONICET- Universidad del Aconcagua, CP 5500, Catamarca 367, Ciudad de Mendoza, Argentina – Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza- Argentina

^{2y3} Facultad de Psicología, Universidad del Aconcagua, CP 5500, Catamarca 367, Ciudad de Mendoza, Argentina

aparedes@lab.cricyt.edu.ar, arrigoniflavia@yahoo.com.ar,
mariela.munozr@gmail.com

Abstract. *This study addresses the characteristics of personal social networks and resilience of 12 (twelve) inmates women who have been found guilty and are in the Unidad Penal de Mujeres (Mendoza- Argentina). This is a non-experimental, correlational transactional research. The main objective is to investigate the relationship between the characteristics of social networks and resilience among a group of inmates. The instruments used to gather information were: ERAC (Mikulik & Crespi, 2005) and Egonet. This study intends to be a contribution to the limited existing research on the addressed topics.*

Resumo. *O presente estudo aborda as características das redes sociais pessoais e a resiliência de 12 (doze) mulheres privadas de liberdade alojadas na Unidad Penal de Mujeres (Mendoza Argentina). Esta pesquisa é não experimental de tipo correlacional. O objetivo central é inferir sobre a relação entre a resiliência e as redes sociais que mantém um grupo de mulheres privadas de liberdade. Os instrumentos utilizados para coletar os dados foram: ERAC (Mikulik & Crespi, 2005) e Egonet. O presente estudo é uma contribuição à escassa pesquisa existente sobre as temáticas abordadas.*

INTRODUÇÃO

As prisões da América Latina albergam pessoas indigentes, principalmente homens. Zaffaroni (1988) entende a pena privativa da liberdade como a imposição material dum sofrimento vinculado aos níveis de violência com que opera o sistema carcerário. Aniyar de Castro (2010) denuncia as condições carcerárias na América Latina. Esta complexa situação na maioria das oportunidades repercute num tratamento marcado por uma visão negativa que afeta as pessoas ali alojadas. São escassas as referencias de estudos que abordem os aspectos mais saudáveis das pessoas privadas de liberdade. Esta situação motiva a nossa pesquisa.

A resiliência é um conceito psicossocial com um enfoque multidisciplinário. Para Greco, Morelato e Ison (2006) a resiliência é a capacidade de algumas pessoas para afrontar as adversidades da vida, superá-las e continuar com seu desenvolvimento. Este processo permite às pessoas se recuperar depois de viver um evento estressante. Nas situações de privação da liberdade se observa uma modificação no modo habitual de ser e de estar. É necessária a adaptação ao contexto, às novas pautas relacionais, condutuais e aos novos papéis apesar das dificuldades que as mesmas possam apresentar no contexto carcerário. Esta transição ecológica modifica os recursos relacionais das pessoas e as redes sociais que elas têm.

Uma rede social é o “conjunto de pessoas atualmente significativas com as quais se tem interação social” (Hrisch, B.1979:2) isto inclui aos “nexos que se estabelecem no exercício dos papéis ou em algumas de suas áreas de atividades” (Guerrero, Pavez e Zavala, 1998:5) nas quais se envolve a pessoa. Certos autores destacam a capacidade das pessoas de conformarem a rede social de um sujeito para aportar ajuda e apoio real e durável. As Redes Sociais Pessoais incidem na sua qualidade de vida e servem como fonte de intercambio de recursos materiais ou emocionais; e constituem uma plataforma de comunicação entre o indivíduo, o sistema social e o ambiente em que uma pessoa vive. Mikulic e Crespi (2004) demonstraram como a situação adversa que representa a privação de liberdade, contribui a um incremento do estresse percebido pelos detidos em diferentes esferas da sua vida, e a uma diminuição dos recursos, especialmente os referidos às redes familiares.

METODOLOGIA

A amostra é constituída por 12 mulheres privadas de liberdade que estão alojadas nas prisões dependentes do Serviço Penitenciário de Mendoza (Argentina). A participação nesta pesquisa foi voluntária. Quatro mulheres estão albergadas no RAM (Régimen Abierto de Mujeres), e oito mulheres na Unidade 3 “El Borbollón” (Instituição fechada). Os instrumentos seleccionados para coletar dados são: 1) **ERAC** (Mikulic e Crespi, 2005) é uma entrevista estruturada para avaliar fatores de risco e de proteção e potencial resiliente em contexto carcerário. A mesma avalia: Fatores Pessoais, Fatores Familiares, Fatores Sociais e Fontes interativas da resiliência. A forma de medição é uma escala Likert. 2) **Egonet**: É um software que serve para detectar e analisar as redes sociais pessoais. Indagam-se dados sobre o sujeito que é entrevistado (nome, idade, anos de condena); sobre sua rede (35 pessoas com as quais tenha se relacionado no último mês); sobre características de cada membro e sobre as relações entre os membros da rede. Finalmente, Egonet desenha a rede pessoal de cada sujeito sem o “ego”.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar a relação entre a resiliência e as redes sociais que têm as mulheres privadas de liberdade num Estabelecimento Prisional. Os Objetivos específicos foram: 1) Conhecer as características das redes sociais pessoais e da resiliência, 2) Conhecer as relações entre os fatores de risco pessoal e social e o tipo de delito cometido e 3) Relacionar as características das redes sociais e o tempo de permanência no Estabelecimento Prisional.

RESULTADOS

Observa-se que 41,7% das participantes corresponde à idade de 21 a 29 anos, 30 a 39 e de 40 a 49 em porcentagens iguais (25% em cada caso) e só uma é maior de 50 anos (8,3%) . Quanto ao tipo de delito se observa que 58,3% cometeu homicídio, 16,7% roubo e 25% delitos contra a saúde pública (infração à lei 23.737, lei de posse e tráfico de drogas). Com respeito ao tempo de permanência na prisão, 83,3% das mesmas é maior que um ano.

Observa-se que as mulheres participantes apresentam *fatores protetores de resiliência* que pontuam em sua maioria no nível médio (58,3%) o que indica uma percepção de fatores protetores saudáveis em sua trajetória vital. 66,7% das mulheres percebem que têm características, atributos ou comportamentos de sua própria pessoa que diminuem a probabilidade de produzir um desajuste psicossocial. Este aspecto se modifica quando se avaliam os fatores protetores em relação aos outros (nível social, familiar ou dos pares). No grupo familiar observam-se menos fatores protetores em relação à família de origem que a atual.

Observam-se níveis baixos dos *fatores de risco*, só 33,3% das participantes indicam um nível médio pessoal. Os contextos familiares e sociais parecem ter dado efeitos negativos para as mulheres participantes. A relação entre pares é o contexto percebido pelas participantes como o mais nocivo e tem índices de maiores fatores de risco. Pelo contrário, as eleições atuais em

relação à família é o contexto onde se observa menor incidência de aspectos percebidos como nocivos. Cada delito está mais associado a um fator de risco que a outro. Tanto as mulheres que tinham cometido homicídio têm fatores de risco mais altos associados a sua família de origem, quanto as que tinham cometido o delito contra a saúde pública têm fatores de risco mais altos em relação ao grupo de pares. Por último, as mulheres que tinham cometido roubo apresentam maiores fatores de risco sociais.

Na análise das *redes sociais* advertiu-se que as mulheres da amostra percebem que suas redes sociais têm capacidade de dar apoio emocional, informacional e tangível. O apoio tangível é menor e o afetivo maior. O nodo central é a pessoa da rede pessoal que se vincula com a maior parte dos membros da rede. Nas redes analisadas o nodo central tem relações com 9 a 31 pessoas e em quase todos os casos é o marido, o namorado ou os filhos dos egos.

O tipo de Instituição penitenciária incide em algumas das características das redes. Encontramos que é mais alta a porcentagem de mulheres nas redes das mulheres da Unidad 3. Isto é porque no RAM as mulheres têm a possibilidade de gozar de saídas transitórias ou assistirem a aulas universitárias mistas, isto possibilita maiores intercâmbios com o outro sexo. Não obstante, em todas as redes pessoais é maior a porcentagem de mulheres, os homens são mais centrais e conectores de subgrupos. Quanto ao comportamento da rede, na Unidade 3, os papéis predominantes são os de familiares e companheiros de prisão. As instituições preponderantes são a família e o Estabelecimento Prisional, isto é pelo impacto da privação de liberdade que recorta espaços de sociabilidade. As porcentagens de âmbito carcerário e de família estão relacionados com às características do sistema familiar, à qualidade dos vínculos e o lugar de residência da família. Da análise dos dados se desprende que quanto maior a presença da família na rede social da mulher, menor é a presença de âmbito carcerário. Uma de cada quatro mulheres mantém escassos vínculos com o exterior, o qual impediria sua futura reinserção social. As mulheres que têm permanecido entre 1 e 15 meses na instituição têm uma maior porcentagem de presença de “prisão” (pessoal penitenciário e escola) na sua rede. Isto é consequência da necessidade de se adaptar ao novo contexto social.

Nos gráficos seguintes, os nodos azuis representam às pessoas que segundo o ego, dão-lhe apoio tangível, enquanto que os nodos cor-de-rosa não dão esse apoio. Encontramos que nas redes com vários componentes e com maior número de nodos isolados as entrevistadas consideravam que recebiam menos apoio tangível por parte de sua rede. Poder-se-ia considerar em cada caso que a presença dos nodos isolados nas redes pessoais se relaciona com o passado, ou bem se associa às novas relações estabelecidas como forma de adaptação ao contexto de privação de liberdade.

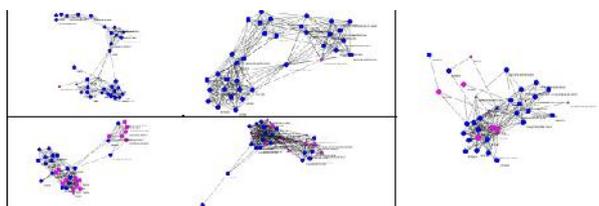


Gráfico 1. Redes pessoais de um Componente

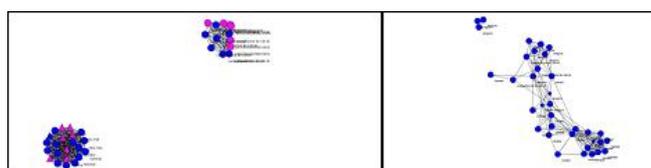


Gráfico 2. Redes pessoais de dois Componentes

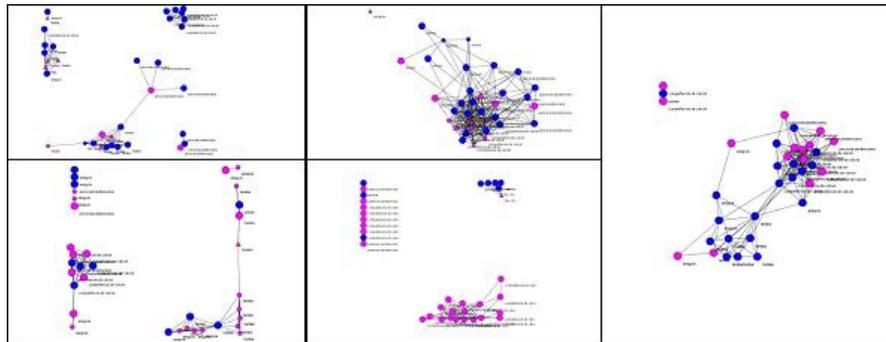


Gráfico 3. Redes pessoais de vários componentes

Conclusões

A escassa bibliografia e pesquisas sobre as redes pessoais e a resiliência em contexto carcerário fazem difícil a comparação dos resultados. As mulheres mostraram menos recursos diante aos fatores de risco e proteção sociais, da família de origem e de pares. Este predomínio tem sido associados com estados de vulnerabilidade que impedem ao sujeito lograr bem-estar e controle sobre suas próprias vidas, e portanto desenvolver características resilientes (Mikulic e Crespi, 2004). Muitos pesquisadores coincidem em que é importante ampliar as redes de apoio para fomentar a resiliência. A isto, os resultados encontrados na presente pesquisa, somam que a multiplicidade de âmbitos de relação que as mulheres tenham possibilita um melhor enfrentamento da situação, e adaptação ao contexto, diminuindo os efeitos da prisionalização. Por isto é prioritário avançar no delineamento de estratégias de intervenção tendentes a promover relações sociais amplas nas pessoas privadas de liberdade, o que em última instância favoreceria a reinserção social futura das mesmas.

BIBLIOGRAFIA

- Aniyar de Castro, L. (2010). *Criminología de los Derechos Humanos. Criminología axiológica como Política Criminal*. Buenos Aires: Editores del Puerto.
- Garcés M. E. (1997). *La institución total*. Publicación Gabinete de Investigaciones de Sistema Social. Facultad de Ciencias Sociales. Universidad Nacional de San Juan.
- Greco, C., Morelato, G. & Ison, M. (2006) Emociones positivas: una herramienta psicológica para promocionar el proceso de resiliencia infantil. *Revista Psicodebate*, 7, 81-94.
- Hirsch, B. (1979) Psychological Dimensions of Social Networks: A Multimethod Analysis. *American Journal of Community Psychology*. Vol.7 N°3. 263-277
- Kotliarenco, M., Cáceres, I. & Fontecilla, M. (1996). *Estado del arte en resiliencia*. Documento (versión preliminar on line). Documento preparado para la Organización Panamericana de la Salud. Santiago, Chile: M.A.K. Consultora S.A.
- Melillo, A. & Suárez Ojeda, E. (2002). *Resiliencia. Descubriendo las propias fortalezas*. Bs As. Paidós.
- Mikulic, I.M. & Crespi, M.C. (2004) Contexto carcelario: un estudio de los estresores y las respuestas de afrontamiento en detenidos primarios y reincidentes. *Anuario de Investigaciones UBA*, 12, 211-218.
- Mikulic, I.M. & Crespi, M.C.(2003) *Resiliencia: Aportes de la entrevista era a la evaluación psicológica de factores de riesgo y de protección y potencial resiliente*. Ficha de Cátedra N°7, Argentina: UBA.
- Paredes, A. (2010). *Tres debates sobre la metodología del Análisis de Redes Sociales*. CONICET-UNCU- UDA
- Wacquant, L (2004). *Las cárceles de la miseria*. Buenos Aires: Manantial.
- Zaffaroni, E. (1995). Los objetivos del sistema penitenciario y las normas constitucionales. En Maier y Binder (Comp) *El Derecho Penal hoy*. Buenos Aires: Editores del Puerto.
- Zaffaroni, R. (1988). *Criminología desde el margen: aproximación desde el margen*. Colombia: Ed. Temis.